

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

UM OLHAR SOBRE A VIDA E OBRA DO VIOLONISTA E COMPOSITOR FRANCISCO SOARES DE ARAÚJO, O CANHOTO DA PARAÍBA.

Júlio Córdoba Pires Ferreira

PPGMUS (UDESC)¹

jcordobapf@gmail.com

Introdução

Francisco Soares de Araújo, conhecido como Chico Soares ou Canhoto da Paraíba, foi um violonista e compositor paraibano nascido em 1926 passou a maior parte de sua vida adulta em Pernambuco. Canhoto da Paraíba se insere em duas tradições brasileiras que, em certa medida, se misturam, a do gênero choro e a dos violonistas solistas de música popular brasileira. Também se filia a uma genealogia de violonistas solistas populares de origem nordestina que ganharam notoriedade, como João Pernambuco, Quincas Laranjeira, Sátiro Bilhar, Jayme Florence (Meira), entre outros. O compositor e violonista veio a falecer em Paulista (PE) em 2008.

O presente texto comunica uma pesquisa em andamento que aborda a trajetória e obra musical do paraibano tendo como horizonte um panorama equilibrado entre contexto (elementos biográficos históricos e culturais, circulação e recepção de sua obra) e texto (material musical) com a finalidade de trazer maior compreensão às singularidades de sua obra musical. Devido às poucas referências encontradas na bibliografia de música popular e em trabalhos acadêmicos pesquisados², o caminho escolhido por este pesquisador foi o de investigar a trajetória artística do compositor e violonista em acervos digitais de periódicos.

Os periódicos pesquisados até o momento foram os seguintes: *O Norte* (PB), *Diário de Pernambuco* (PE), *Jornal do Brasil* (RJ), *O Fluminense* (RJ), *O Pasquim* (RJ), *Revista Manchete* (RJ) – todos estes a partir da ferramenta de busca da Hemeroteca

¹ No âmbito de Doutorado em Música, na linha de pesquisa Teoria e História, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Cazes (1998, p.153-138) traz alguns poucos elementos biográficos do paraibano. Moreira (2017, p.33-34), se baseando em AMORIM (2014, p.145-148), acrescenta algumas informações a partir de depoimento de Henrique Annes, violonista e amigo de Canhoto.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Digital da Biblioteca Nacional³ –, e *O Globo* (RJ), a partir do Acervo Digital do próprio jornal⁴. O critério de escolha de tais publicações se dá por suas localidades: Paraíba, terra natal do violonista, Pernambuco, onde viveu a maior parte de sua vida, e Rio de Janeiro, por ser importante centro cultural à época e sede da Funarte, onde o *Projeto Pixinguinha*, muito significativo na trajetória de Canhoto da Paraíba, foi idealizado e planejado. Publicações de outros centros onde o violonista atuou também estão sendo pesquisadas.

A partir desse material e daquelas referências encontradas em livros e trabalhos acadêmicos, apresentaremos em seguida alguns dos pontos que ganharam destaque na trajetória do compositor e violonista, assim como a recepção de sua atuação, além de alguns elementos biográficos, resultado parcial dessa pesquisa em andamento.

De Princesa Isabel a João Pessoa e Recife

Francisco Soares de Araújo nasceu na cidade de Princesa Isabel (PB), no sertão paraibano, a cerca de 400 quilômetros da capital João Pessoa, fronteira com o vizinho Pernambuco e praticamente à mesma distância da capital desse estado, Recife. A data de nascimento do músico diverge em diferentes fontes. Uma pesquisa superficial a partir do *Google*, ferramenta de busca mais conhecida e hegemônica na internet, gera como primeiro resultado um verbete da *Wikipedia* (CANHOTO DA PARAÍBA, 2019), enciclopédia virtual construída colaborativamente por voluntários, onde consta que o violonista teria nascido em 9 de março de 1926. Apontado como fonte da informação do verbete, a versão *on line* do *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira* (CANHOTO DA PARAÍBA, 2002), indica a mesma data. Em outro verbete, na página virtual da *Casa do Choro*⁵, a alegada “data detalhada de nascimento” é informada como 18 de março de 1929 (CANHOTO DA PARAÍBA, 2013). Artigos de jornais de diferentes épocas informam datas conflitantes, tais como 19 de maio de 1928 (PAULINHO, 1978; SILVA, 1981; SOUZA, 1993), os anos de 1926 (CEZAR, 2010) e 1927 (CARDOSO, 2008). O livro *Patrimônios vivos de Pernambuco* (AMORIM, 2014, p. 146) indica a data

³ <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

⁴ <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Consulta apenas mediante assinatura.

⁵ Entidade fundada em 1999 no Rio de Janeiro que trabalha pela “educação musical, preservação e divulgação da música popular carioca, em especial o choro”. Ver https://casadochoro.com.br/portal/view/quem_somos. Acesso em 23 de jul. de 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de 17 de março de 1931. Um raro trabalho acadêmico que traz dados biográficos de Canhoto da Paraíba informa a data de 17 de março de 1926 (MOREIRA, 2017, p. 33).

Em artigo no *Observatório da Imprensa*, o jornalista Uraniano Mota criticou o desencontro de informações das notas de obituário publicadas pela imprensa na ocasião do falecimento do compositor em 2008, apontando, além do erro da data de nascimento, outras imprecisões.

O falecimento de Canhoto da Paraíba na quinta-feira (24/04[2008]) me despertou duas ou três coisas. A primeira delas foi a leviandade, a ligeireza com que a imprensa tratou e trata as informações que cercam esse gênio do violão. Como uma praga, do Rio de Janeiro a São Paulo e, portanto, do centro ao centro do Brasil, Canhoto apareceu, ora com a idade de 80, ora com 81, ora até com a idade real de 82 anos.

E assim postos e pesarosos, difundiram que a causa mortis havia sido enfarto, ou infarto, ou enfarte, com discrepância apenas na grafia do mal. Mas Canhoto faleceu de nova agressão de um AVC. Por fim, uma notícia on line acrescentou que Canhoto deixava mulher e quatro filhos. Mas o músico era viúvo havia quatro anos, e deixou filhas, somente filhas. O G1 (globo.com) chegou a lhe mudar até o nome para Canhotinho.

Essas coisas eu sei, essas correções eu faço, não bem por ser especialista em Canhoto. Os especialistas dele atendem pelos nomes de Paulinho da Viola, compositor finíssimo, e Henrique Annes, um virtuose.

Essas coisas sei porque fiz o dever de casa, telefonei para Vitória, filha, companheira e enfermeira dos últimos anos do violonista, na periferia de Olinda. Se agisse como o comum dos redatores, sentados diante do monitor e do Google, repetiria a informação do Dicionário Cravo Albin, que registrou 19 de maio de 1928 como a data do nascimento de Canhoto da Paraíba, em lugar de 19 de março de 1926. Mas repórter só ouve gente do povo em ocorrência policial, e Vitória, filha do povo e de Canhoto em uma só pessoa, jamais seria melhor fonte que o Dicionário Cravo Albin... (MOTA, 2008)

Esta pesquisa em andamento não se pretende uma biografia, mas a busca por uma informação aparentemente simples, como a data de nascimento, é um indício da dificuldade de encontrar material disponível confiável sobre o compositor, no geral. E mais especificamente, no que tange à pesquisa em jornais, Mota nos alerta para adotar cautela: talvez a pressa do dia a dia das redações jornalísticas comprometa, entre outras razões, a precisão das informações publicadas.

Considerando o ano de 1926 como a data de nascimento do violonista, foquemos agora em sua iniciação na música, em seus primeiros anos, na sua cidade natal, Princesa Isabel (PB). Ao ouvir pela primeira vez uma gravação do instrumentista paraibano, o ouvinte deverá se surpreender pela sonoridade um tanto particular de seu violão e pelos caminhos melódicos e harmônicos pouco convencionais de sua música. Em relação à primeira peculiaridade (que talvez influencie a segunda), a sonoridade, isso se explica

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pelo fato de Chico Soares, canhoto, ter se iniciado ao violão tendo que dividir o único instrumento disponível em sua casa com o pai e irmãos, todos destros. Isso fez com que ele desenvolvesse uma técnica própria, tocando o violão invertido, mas sem trocar as cordas, de tal modo que as agudas eram tangidas pelo polegar, e as graves, pelos outros dedos, o contrário da técnica convencional do instrumento. Mais bem explicado, de forma bem-humorada, pelo próprio, em matéria no *Diário de Pernambuco* em 1979:

De família de seresteiros (o avô Joaquim Soares, clarinetista; o tio Cícero Soares, seresteiro ao violão, como seu pai e primeiro professor, Antônio Soares de Lima), Chico Soares, como era conhecido nos meios artísticos da Paraíba, não respirou o ar da sisudez, da austeridade e dos constrangimentos e desentendimentos tão comum em qualquer lar. Seu pai, até para ralar, fazia brincadeiras que provoca, ainda hoje, boas risadas em Canhoto. “Eu bem menino, comecei a arranhar o violão do velho, queria aprender a tocar como ele. Mas tocava com a mão esquerda, embora para escrever eu o faça com a direita. E meu pai quando via, reclamava dizendo que doía na vista, ficava tonto só de me ver tocar com a esquerda. Ameaçava até – “Meu filho você vai ter que mudar de posição, pois para lhe ensinar só se for em frente ao espelho ou de cabeça para baixo”. Ameaça que não se concretizou, pois seu Antônio terminou por aceitar o novo seresteiro da família, tocando com a esquerda mesmo. “E sem precisar mudar as cordas”, salienta. Em compensação, bem cedo viu seu aluno e filho ultrapassar seus próprios conhecimentos e desempenho. “Ele, depois de um certo tempo, não queria mais tocar comigo. Dizia que eu o ultrapassara.” (GOUVEIA, 1979)

Sua iniciação musical, portanto, se deu em família, com o avô, o pai e o tio como primeiras referências. Ainda que tentassem iniciá-lo no clarinete, foi mesmo ao violão que Chico Soares se dedicou, como conta o compositor ao *Jornal do Brasil*, em 1994: “Meu avô e meu pai eram violonistas, e queriam que eu tocasse clarineta. Mas só havia duas em Princesa Isabel, e enquanto eu esperava que chegasse uma de João Pessoa, fui dedilhando o violão” (apud VERAS, 1994); e ao jornal *O Globo*, no mesmo ano: “Aprendi violão na marra. Só tinha um violão para mim, meu pai e meu tio. Eu não podia inverter as cordas. Mas meu avô queria que eu tocasse clarineta. Naquela época, o violão era marginalizado... Era coisa de cachaceiro.” (apud FERREIRA, 1994)

Para além do violão, outro ‘instrumento’ teria feito parte de sua iniciação musical, o sino da igreja, onde foi sacristão. Essas memórias renderiam histórias contadas nas páginas dos jornais. O paraibano depôs ao *Jornal do Brasil*, em 1994: “O primeiro instrumento que toquei foi um sino pois fui coroinha e depois sacristão” (apud VERAS, 1994). O *Diário de Pernambuco* contaria em 1980 que “dizem que o sino badalava com incrível balanço, o que lhe valeu o apelido de "sacristão" e "cabra danado do sino”

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(CANHOTO, 1980). O paraibano também arriscaria suas primeiras notas musicais no órgão: “Eu era sacristão, ainda rapazinho, e queria aprender a tocar no órgão da igreja. Um dia, eu estava lá tocando “Vassourinhas” no órgão quando o padre chegou. O coração foi grande (...)” (apud GOUVEIA 1979).

Mas a participação clerical não se deu somente em sua iniciação musical, mas também em seu primeiro passo mais ambicioso como profissional (ainda que Chico Soares nunca tenha vivido exclusivamente de música, mantendo-a como atividade secundária a vida toda). Um frei espanhol conseguiu-lhe alojamento e emprego em Recife. A empreitada, porém, durou pouco.

(...) [A]lguém lembrou de mandá-lo para centros maiores, onde fosse aproveitado como artista. “Foi o pároco, um espanhol, Frei Casanova, que me arranhou um emprego na Rádio Clube, em 1946. Ele era amigo de Arnaldo Moreira, diretor da rádio na época, e conseguia esta oportunidade para mim. E mais o alojamento no Convento do Carmo”. Vinte e cinco dias depois, num caminhão que transportava carga para Princesa, Canhoto foge do Recife, “por causa da saudade de casa, do pessoal e de Princesa que era muito grande”. Uma desculpa que o padre não engolia, E desabafou, segundo Canhoto: “Matuto besta. Arranjo emprego bom e ele volta. Só dá para plantar batata e ficar agarrado na saia da mãe”. (GOUVEIA, 1979)

O ano era, possivelmente, 1948 (CARDOSO, 2008). Canhoto da Paraíba volta, portanto, para Princesa Isabel, mas alguns anos depois, em 1953 (SILVEIRA, 1978), se muda para João Pessoa, passando a trabalhar na *Rádio Tabajaras*. Na capital paraibana, se casou com Nicélia Gadelha e teve quatro filhas, em suas palavras “quatro Marias: Lourdes, Socorro, Fátima e Vitória” (apud GOUVEIA 1979). Ao final dessa década, por volta de 1958, um grupo de músicos de Recife de passagem por João Pessoa o convence de se mudar para a capital pernambucana.

Em João Pessoa e durante uma apresentação do regional da Rádio Tabajara, Francisco conheceu o trio musical composto por João Dias, Rossini [Ferreira] e Zé do Carmo que, além de lhe prometer emprego numa rádio local [*Rádio Jornal do Comércio*, ver CUNHA, 1988], garantiu-lhe também uma atividade paralela, com rendimento certo e garantido. Transferindo-se para Recife e já batizado por João Dias, como “Canhoto da Paraíba”, Francisco tornou-se violonista contratado dos programas “Luar do Sertão” e “Quando os violões se encontram”, além de assumir – apesar de não ter concluído o curso ginásial – o cargo de assistente social do Sesi, no qual permanece até hoje. (REGO, 1977)

A viagem de 1959

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No ano seguinte, 1959, foi com os novos companheiros, João Dias, Dona Ceça, Rossini Ferreira e Zé do Carmo, que Chico Soares empreendeu uma mítica viagem ao Rio de Janeiro para visitar Jacob do Bandolim, na casa de quem se hospedaram (ver (SPENCER, 1983; CAZES, 1998, p.154-157). Essa viagem foi um marco divisório não apenas em sua trajetória, mas também, como veremos adiante, na de um jovem de 17 anos, chamado Paulo César Batista de Faria.

Um suposto fato ocorrido em um desses saraus tornou-se uma lenda muito contada nos meios do choro e reproduzida em muitas matérias sobre Canhoto publicadas pela imprensa, a história do copo de chope arremessado ao teto, reação provocada pelo espanto que sentiu Radamés Gnattali ao ouvir o violonista paraibano, história esta que foi desmentida pelo pianista e arranjador gaúcho, de acordo com João Máximo, em crônica publicada no jornal *O Globo* na qual o jornalista elenca uma série de lendas notórias da música popular brasileira, confirmando ou desmentindo-as.

O COPO: Na casa de Jacob do Bandolim, Radamés Gnattali ouve pela primeira vez o violão de Canhoto da Paraíba. Fica tão empolgado que joga para o alto o copo de cerveja. Jacob jamais limpará o teto sujo pelo bravo do maestro.

Quando perguntado sobre este episódio, Radamés não só deixou claro que seu entusiasmo pelo Canhoto não o faria sair do sério como acrescentou: “Cerveja eu não jogo pro teto: bebo”. (MÁXIMO, 1997)⁶

Para além desse episódio anedótico, o que talvez tenha sido o fato mais importante dessa série de saraus foi o encontro de Canhoto da Paraíba com o jovem Paulo César, acima citado, filho de um dos violonistas acompanhantes de Jacob do Bandolim, Benedito César Faria. Paulo César ficou tão impactado com a musicalidade do violonista paraibano que se decidiu por definitivamente seguir carreira musical, sendo mais tarde conhecido como Paulinho da Viola. Em suas próprias palavras, à *Revista Manchete*, em 1970:

- Até [19]59 eu não levava muito a sério esse negócio de música. Pegava um violão, dedilhava, deva preguiça. Papai, que sempre foi um músico extraordinário, não me dava muita força. Aquela turma dele (da qual Jacó [sic] do Bandolim sempre foi o mais famoso) assumia ares místicos quando tocava. E depois, ele não tinha tempo para me ensinar. Eu ia levando.

Um dia, aconteceu o estalo. Foi na casa do grande Jacó [sic], onde eram tradicionais as reuniões dos chorões. E dessa vez a coisa era para valer: Pixinguinha, Radamés Gnattali

⁶ Henrique Cazes também dá testemunho de que Radamés negava essa história. Diz Cazes, que conviveu com o maestro gaúcho, que o máximo de elogio que era possível se extrair dele era um frio “Isso aí tá muito bom!” (CAZES, 1998, 156).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

[sic], Tia Amélia. Tinha mais gente, mas não me lembro, todos eram cobras. Soube, então, que ia haver a apresentação de um cara do Recife, o Chico Soares, também conhecido como Sacristão, ou Canhoto da Paraíba. Ele tocava com o instrumento invertido (claro, era canhoto) mas sem trocar as cordas, conservando-as na posição normal. Eu fiquei realmente fascinado, não só pela colocação tão estranha do violão, como pela indiscutível beleza daquele som. Foi exatamente naquele momento que eu disse para mim mesmo: ‘Vou nessa!’ (apud PINHEIRO, 1970)

Se para Paulinho da Viola o encontro foi crucial a ponto de lhe conduzir à carreira de músico, para Canhoto da Paraíba, a nascente amizade representou futuras parcerias que o tornaram conhecido em âmbito nacional, como a gravação de discos com produção e participação do compositor carioca e o convite para participar de edições do Projeto Pixinguinha juntamente com o amigo e parceiro (fig. 1). A viagem ao Rio também o fez conhecido entre os chorões do sudeste, de modo que ainda nos anos 1970 os choros *Tua imagem* e *Visitando o Recife* foram gravados por Toquinho (no LP *Boca da noite*, de 1974) e pelo conjunto Época de Ouro (no LP *Clube do choro*, de 1976), respectivamente.



Figura 1 - Paulinho da Viola e Canhoto da Paraíba. Foto sem crédito. (PINHEIRO, 1970)

Discografia e Projeto Pixinguinha

Ao final de década de 1960, em 1968, Canhoto da Paraíba gravaria seu primeiro LP, *Único Amor*, com o acompanhamento do violonista Henrique Annes, em Recife, pela *Rozenblit*, selo local pioneiro na promoção da música pernambucana e nordestina (SOBRINHO, 1993).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 2 - Canhoto da Paraíba e Henrique Annes. Foto de Fritz Simons (SABINO, 1968)

O disco contém as faixas *Único amor* (Alfredo Medeiros/Armando Gayoso), *Escadaria* (Pedro Raimundo), *Memórias de Sebastião Malta*, *O sorriso de Fátima*, *Zíngara* (Joubert de Carvalho/Olegário Mariano), *Banhado em lágrimas*, *Pisando em brasa*, *O Grito de Mestre Sérgio*, *Nicélia*, *Visitando Recife*, *Lurdinha* e *Tua imagem*⁷. A coluna *Discolândia* (fig. 2), escrita por Mário Sabino e publicada no *Diário de Pernambuco* traria uma breve crítica, muito positiva, do LP.

No suplemento popular, etiqueta “Passarela” a “Rozenblit” acaba de lançar no mercado, um LP reunindo mais dois grandes elementos da terra: Francisco Soares (Canhoto) e Henrique Annes (foto de Fritz Simons). O nome do longa duração é bastante sugestivo: **UNICO AMOR**. A magia do violão de Chico Soares e o magnífico acompanhamento de Henrique recomendam esse lançamento da gravadora pernambucana, em sua nova etiqueta. Contra capa escrita por Aldemar Paiva. Solos de violão focalizando valsas, choros, boleros e outros ritmos. Algo que realmente valoriza o cenário artístico regional, por se tratar de mina obra musical (no gênero popular) que somente honrarias poderia trazer para a Nossa Terra. (SABINO, 1968)

Em 1974, o violonista lançaria um obscuro e pouco conhecido segundo LP intitulado *Um violão direito nas mãos do Canhoto*, gravado com recursos próprios e empréstimo de um amigo, com uma tiragem de apenas 500 exemplares, emitidos pela mesma *Rozenblit*, e comercializado pelo próprio compositor (REGO, 1977). Para gravar, Canhoto contou, de acordo com J. C. Albuquerque, produtor do disco, com a colaboração de seus “companheiros de tocata” (de acordo com texto por ele assinado na contracapa de *UM VIOLÃO*, 1974) Biu do bandolim, Mário de Moraes Rego (cavaquinho), Mário Araújo (Violão de 7 cordas) e Pereira Santos (afoxé). O LP traz as faixas *Mulher Rendeira/Disparada* (Volta Seca/Geraldo Vandré), *Lurdinha*, *Saudade de Princesa*,

⁷ Todas as músicas listadas que não contenham seus compositores entre parênteses são de autoria de Canhoto da Paraíba. Considere o leitor este critério nas próximas listagens de repertório fonográfico.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nicélia, Maria Helena (L. Barcelata), *Pisando em brasa, Menina da Ladeira* (João Só), *Memória de Sebastião Malta, Gostosinho, Despertar da montanha* (Eduardo Souto), *O sorriso de Vitorinha e Escadaria* (Pedro Raimundo). Não foram encontradas críticas nem divulgações desse LP nos periódicos pesquisados.

Em 1977, com produção de Paulinho da Viola, Chico Soares lança *O violão brasileiro tocado pelo avesso* (também conhecido como *Com mais de mil*), seu terceiro LP, pela gravadora paulistana *Marcus Pereira*, que se propunha a ser “uma trincheira mais consequente para lutar contra a imposição cultural da música estrangeira”, de acordo com seu fundador (Marcus Pereira apud CRUZ, 2016, p.61), privilegiando o lançamento de música nacional considerada *autêntica*. O disco contou com o acompanhamento do pai de Paulinho, César Faria (violão), Jonas (cavaquinho), Jorginho do Pandeiro e Hércules (percussão). O LP traz as faixas *Tua imagem, Amigo Sena, Corrinha, Com mais de mil, Lembrança que ficou, Subindo ao céu* (Aristides Borges), *Visitando o Recife, Todo cuidado é pouco, Revendo um amigo, Choro na madrugada, Valsa a Tozinho e Pisando em brasa*.

Abaixo, uma crítica do LP, por Sérgio Cabral, publicada em *O Globo*.

O Melhor do choro de Canhoto da Paraíba

Se o renascimento do choro não tivesse prestado nenhuma outra contribuição, bastava essa: possibilitou a gravação de um Lp com um dos maiores violonistas brasileiros e, sem dúvida, o melhor intérprete em seu instrumento da música de choro: Francisco Soares de Araújo, o Chico Soares; ou, ainda, Canhoto da Paraíba.

Se você, leitor, gosta mesmo de choro, esse é um disco que recomendo com o maior entusiasmo. O seu título é “Canhoto da Paraíba: o violão brasileiro tocado pelo avesso”. A gravadora é a Marcus Pereira, a produção é de Paulinho da Viola e a capa de Elifas Andreato. Além disso tudo, um primoroso texto de Ruy Fabiano.

O título do disco se justifica porque, sendo canhoto, inverte a posição do violão, mas não alterou, por isso, a posição das cordas: os bordões ficam em baixo e as primas em cima. Talvez por essa razão e mais o fato de ter sempre vivido no Nordeste (atualmente mora em Pernambuco) tenham contribuído para que aprimorasse um tipo de técnica tão pessoal que a sua interpretação pode ser reconhecida em qualquer circunstância.

A primeira pessoa que me falou de Canhoto da Paraíba foi Jacob do Bandolim – e sempre com muito entusiasmo. Depois, chegou a vez de Paulinho da Viola divulgar o seu nome por aqui. Chegou até a compor e a gravar um choro com o nome de “Abraçando o Chico Soares”. O próprio Paulinho andou de gravadora em gravadora tentando um Lp para o violonista, que só agora foi possível, através de Marcus Pereira.

O disco mostra o instrumentista e compositor de músicas que vão desde as mais líricas valsas ao animadíssimo “pisando em brasa” – um gênero que Ruy Fabiano classifica de “xem-hem-xem”, que deve ser, na verdade, uma variação do xerém, um tipo de música do Nordeste (particularmente do Piauí e que parece ser uma espécie de versão nordestina da polca europeia[.]). “Pisando em brasa”, principalmente pela sua alegria e pelas possibilidades que oferece aos seus intérpretes, pode tornar-se um clássico em

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

materia de choro. Convém chamar a atenção para o fato de que Canhoto da Paraíba não tem características marcantes apenas como intérprete; como compositor, também. E isso os instrumentistas que executarem as suas músicas verificarão imediatamente.

Cotação: ★★★★★ [cotação máxima] (CABRAL, 1977)

Concomitantemente à essa atmosfera de valorização da cultura *autenticamente* brasileira que norteava a gravadora *Marcus Pereira*, havia nesses anos 1970 uma política estatal do então estabelecido governo ditatorial no sentido de fomentar o sentimento de unidade e identidade nacional. Para essa finalidade, algumas instituições foram criadas ou reformadas, tais como a EMBRAFILME, o IPHAN, e a própria FUNARTE, entre outras. O dito *renascimento do choro* nessa época, citado por Cabral na crítica acima, deve ser visto nesse contexto (FERREIRA, 2009, p.98-99). E a reboque desse clima de valorização da cultura nacional, a FUNARTE lançaria em 1977 o *Projeto Pixinguinha*, idealizado por Hermínio Bello de Carvalho e Albino Pinheiro, cujo objetivo era circular espetáculos de música popular brasileira a preços populares. Duplas de artistas eram convidadas a participar, seguindo, a princípio, um subjetivo critério de juntar um artista de apelo popular – para assim garantir o fluxo de público – com algum iniciante promissor (LE MOS; TAVARES, 2013), de modo que, na segunda edição do projeto, em 1978, Paulinho da Viola *apadrinhou* Canhoto da Paraíba (que de iniciante nada tinha), curiosamente invertendo a relação de apadrinhamento entre os dois, levando-se em conta as declarações do compositor carioca de que teria se decidido pela profissão de músico após se impactar ao ver o paraibano tocar.

Naquele *Pixinguinha* de 1978, a dupla, com a direção de Fernando Faro, circulou por Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Brasília e Belém (PROJETO, 1978) e foram sucesso de público e crítica, de acordo com Nelson Motta colunista do jornal *O Globo*: “Mais um recorde do Projeto Pixinguinha: 1.100 pagantes na estreia da dupla Paulinho da Viola & Canhoto da Paraíba, aclamados (também) pela crítica, em Belo Horizonte.” (MOTTA, 1978a).

O mesmo colunista, em julho daquele ano, publicaria um balanço daquela edição do *Projeto Pixinguinha*. A dupla havia sido a segunda colocada em público no total de suas apresentações.

Funarte manda o balanço da primeira fase do Projeto Pixinguinha, o circuito Rio-São Paulo-Curitiba-Porto Alegre-Belo Horizonte (incluindo, algumas vezes, Belém e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Brasília): no total, 203.384 pessoas viram os espetáculos do Projeto, e a dupla campeã de audiência foi mesmo Fafá de Belém e Beto Guedes (41.661 espectadores), seguida por Paulinho da Viola e Canhoto da Paraíba (3.022⁸ espectadores), Jackson do Pandeiro e Alceu Valença (27.753 espectadores). A cidade que deu ao Projeto a maior plateia foi Porto Alegre (54.184 pessoas, no total), seguida por Curitiba (47.850 pessoas) e Belo Horizonte (45.761 pessoas). (MOTTA, 1978b)

Paulinho da Viola e Canhoto da Paraíba, juntando-se a Monarco, voltariam a circular pelo projeto nos anos de 1980 e 1981. O agora trio circulou por Rio de Janeiro, Brasília, Teresina, Campina Grande e Aracaju ao longo de outubro de 1980 (CANHOTO, 1980). No final de dezembro, nas páginas do *Jornal do Brasil*, Maria Helena Dutra elencaria o *show* como o quarto melhor daquele ano (DUTRA, 1980). Em 1981, o trio voltou a circular, agora por Rio de Janeiro, Niterói, Londrina, Florianópolis, Blumenau e Joinville (DJAVAN, 1981).

Em 1983, Canhoto da Paraíba voltaria a participar do *Pixinguinha*, agora juntamente com o conjunto vocal *Quarteto em Cy* (fig. 3). No ano seguinte, participaria do *Pixingão*, que reuniu várias das ditas *revelações* que circularam nas edições dos anos anteriores (CABRAL, 1983).

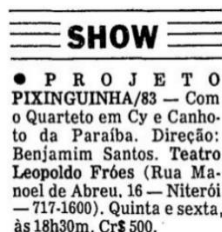


Figura 3 - Canhoto da Paraíba se apresenta com o Quarteto em Cy em Niterói em 1983 (NITERÓI, 1983).

Em 1993, Canhoto da Paraíba gravaria o CD *Pisando em Brasa* pelo selo independente *Caju Music*, acompanhado por João Lyra (violão), Bozó (violão 7 cordas) e Ivo (pandeiro e triângulo), e contando com as participações especiais de Jeovah da Gaita, Raphael Rabello e Paulinho da Viola. O CD contém as faixas *Pisando em brasa* (com citações de *Asa branca* (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira) e *Vassourinhas* (Mathias da Rocha/Joana Batista)), *Tá quentinho*, *Reencontro com Paulinho*, *Memórias De Sebastião Malta*, *Lá vai barreira, 1º de março*, *Mulher rendeira* (Tradicional), *Glória*

⁸ Um algarismo deve ter sido omitido, pois estando a dupla Paulinho e Canhoto em segundo lugar de público, provavelmente o número correto é na casa de trinta mil espectadores, já que o primeiro lugar foi de 41661 e o terceiro, de 27753.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Da Relâmpago, Lourdinha, Escadaria (Pedro Raimundo), *Ilha de Santo Aleixo* e *Cordão Amigo*. O disco foi bem recebido pelo corpo de críticos do *Jornal do Brasil* no seu lançamento, em julho daquele ano.

Pisando em brasas Canhoto da Paraíba (Caju Music). O violonista chamou feras como Raphael Rabello e Jehová da Gaita e fez um disco instrumental de primeira grandeza. Paulinho da Viola trouxe o cavaquinho para chorar em *Reencontro com Paulinho* e solar em *Cordão amigo*. Destaque para *Pisando em brasa*, com citações de *Asa branca* e *Vassourinhas*. (L.B.M) (Martins, 1993)

A nota de Luiz Branco Martins antecedia as cotações abaixo apresentadas, dadas pelos críticos na coluna *Juri B*, que cotavam também os outros lançamentos daquela semana.

Aldir Blanc: ★ ★ ★ ★

David Trompowsky: ★ ★ ★

Luiz Branco Martins: ★ ★ ★

Marcus Veras: ★ ★ ★

Tárik de Souza: ★ ★ ★

[Cotações: ● ruim ★ regular ★ ★ bom ★ ★ ★ ótimo ★ ★ ★★ excelente]

Essas cotações seriam suficientes para que no final de julho, o CD fosse escolhido o disco do mês (VERAS, 1993).

Em 1997 Canhoto da Paraíba seria convidado para a volta do *Projeto Pixinguinha*, interrompido sete anos antes. Mas, infelizmente, foi acometido de uma isquemia cerebral que paralisaria o lado esquerdo de seu corpo, fazendo-o abandonar a carreira musical. Em 2004, em mais uma tentativa de retomada do claudicante *Pixinguinha*, Canhoto foi homenageado pelo então presidente Lula na cerimônia de relançamento do referido projeto (ANGEL, 2004).

Em 24 de abril de 2008, as consequências de uma nova isquemia, desta vez fatal, o levariam a óbito, um dia após o Dia Nacional do Choro, em Paulista (PE).

Conclusão

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Apresentamos aqui alguns resultados provisórios desta pesquisa em andamento sobre o compositor paraibano. Outros marcos de sua atuação e trajetória artística não foram destacados aqui, dando preferência a dar maior enfoque à viagem de 1959, a suas participações no *Projeto Pixinguinha* e a sua discografia. Este trabalho pretende contribuir para um melhor entendimento sobre a obra e trajetória deste compositor, muito valorizado nos meios do choro e do violão brasileiro, mas ainda muito pouco estudado.

Referências

- ALMEIDA, Gabriela Sandes Borges de. Projeto Pixinguinha: 30 anos de música e estrada. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais). Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- AMORIM, Maria Alice. Patrimônios Vivos de Pernambuco. Recife: Fundarpe, 2014.
- ANGEL, Hildegard. Homenagem a Canhoto (Coluna Hilde). *Jornal do Brasil*, ano 114, n. 57, p. A15, 5 jun. 2004. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/030015_12/108086. Acesso em 23 jul. 2021.
- BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196-219, jan./abr. 2020.
- CABRAL, Sanelvo. Orquestra faz sucesso (nota da coluna Teatro). *Diário de Pernambuco*, ano 160, n. 333, 1 dez. 1984. Caderno Viver, p. B-6. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/029033_16/83338. Acesso em 23 jul. 2021.
- CABRAL, Sérgio. O melhor do choro de Canhoto da Paraíba (Coluna Música Popular). *O Globo*. Rio de Janeiro, ano LIII, n. 16073, 13 out. 1977. Cultura, p. 44.
- CANHOTO da Paraíba: a alma do chorinho. *Diário de Pernambuco*. Recife, ano 155, n.176, 2 jul. 1980. Caderno Viver, p. B-6. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/10503. Acesso em: 23 jul. 2021.
- CANHOTO mostra ao Brasil sua arte de tocar. *Diário de Pernambuco*, ano 155, n. 270, p. A-21, 5 out. 1980. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/029033_16/15526. Acesso em: 23 jul. 2021.
- CANHOTO DA PARAÍBA. In: *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Cravo Albin, 2002. Disponível em <https://dicionariompb.com.br/canhoto-da-paraiba>. Acesso em: 23 jul. 2021.
- CANHOTO DA PARAÍBA. In: *Acervo Casa do Choro*. Rio de Janeiro: Instituto Casa do Choro, 2013. Disponível em <https://acervo.casadochoro.com.br/cards/view/1539>. Acesso em: 23 jul. 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- CANHOTO DA PARAÍBA. In: *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Canhoto_da_Paraíba. Acesso em: 23 jul. 2021.
- CARDOSO, Monique. Inéditas e um songbook à espera de um padrinho: Canhoto da Paraíba morre sem ver homenagem à sua obra. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano 118, n. 19, 27 abr. 2008. Caderno B, p. B6. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/030015_12/233832. Acesso em: 23 jul. 2021.
- CAZES, Henrique. Choro: do quintal ao Municipal. São Paulo: Editora 34, 1998.
- CEZAR, Caio. O violão reinventado. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano 119, n. 344, 18 mar. 2010. Caderno B, P. B2, Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/030015_13/4678. Acesso em: 23 jul. 2021.
- CRUZ, Eduardo Felipe Cangemi da. “Discos Marcus Pereira”: Disco finalmente é cultura! – indústria fonográfica, música popular e memória social do choro (1974-1978). Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social). Franca: UNESP, 2016.
- CUNHA, Inês. Canhoto exhibe seu talento para recifenses. *Diário de Pernambuco*. Recife, ano 163, n. 27, 28 jan. 1988, Caderno Viver, p. B-4. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/029033_16/130653. Acesso em: 23 jul. 2021.
- DAVID, Lilian Bem. Paulinho da Viola: ‘O samba não precisa ser salvo, ele está aí’. *Revista Manchete*. Rio de Janeiro, ano 32, n.1657, 21 jan. 1984. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/004120/223325>. Acesso em: 23 jul. 2021.
- DJAVAN, Fátima Guedes e Filó no reinício do Pixinguinha. *O Globo*, ano LVI, n. 17304, 13 mar. 1981. Cultura, p.27.
- DUTRA, Maria Helena. Pouca animação. *Jornal do Brasil*, ano XC, n. 261, 26 dez. 1980. Caderno B, p.9. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/18189. Acesso em 23 jul. 2021.
- FERREIRA, Júlio Córdoba Pires. Reflexões sobre o choro enquanto gênero e musicalidade e sua presença em Florianópolis/SC. Dissertação (Mestrado em Música). Florianópolis: UDESC, 2009.
- FERREIRA, Mauro. Canhoto, o violonista ‘gauche’. *O Globo*. Rio de Janeiro, ano LXIX, n. 22051, 7 abr. 1994. Segundo Caderno, p. 1.
- FRIAS, Lena. A MPB onde o povo está – Projeto Pixinguinha, uma universidade musical, renasce aos 20 anos. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano CVII, n. 82, 29 jun. 1997. Caderno B, p.6. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/030015_11/204752. Acesso em 23 jul. 2021.
- GOUVEIA, Graça. Canhoto, uma vida entre choros. E um sonho: “Ter uma casa na COHAB”. *Diário de Pernambuco*. Recife, ano 154, n. 88, 1 abr. 1979, Caderno Viver, p. C-6. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/133318. Acesso em: 23 jul. 2021.
- LEMONS, Alexandre; TAVARES, Bruno. Apostila Digital nº2 – Projeto Pixinguinha 1978. *Projeto Brasil Memória das Artes*. Rio de Janeiro: Funarte, 2013. Disponível em

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

<http://portais.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/pixinguinha/apostilas-digitais-projeto-pixinguinha-1978/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

MARTINS, Luiz Branco. Pisando em Brasa (Coluna *Juri B*). *Jornal do Brasil*, ano CIII, n. 98. 15 jul. 1993. Caderno B, p. 6. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/030015_11/93754. Acesso em 23 jul. 2021.

MÁXIMO, João. A canção brasileira entre a lenda e a realidade – Livros que começam a ser escritos podem ajudar a contar melhor a história de uma música popular de curta memória. *O Globo*. Rio de Janeiro, ano LXXIII, n. 23477, 9 nov. 1997. Segundo Caderno, p. 4.

MOREIRA, Maíra Macedo. Antônio da Silva Torres (Jacaré): Um cavaquinho na Memória do Choro Pernambucano. Dissertação (Mestrado em Música). Aveiro: Universidade de Aveiro, 2017.

MOTA, Uraniano. Canhoto da Paraíba: duas ou três notas sobre ele. *Observatório da Imprensa*. 6 mai. 2008. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/caderno-da-cidadania/canhoto-da-paraiba-duas-ou-tres-coisas-sobre-ele/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

MOTTA, Nelson. Coluna Nelson Motta. *O Globo*, ano LIII, n.16269, 1 mai. 1978a. Cultura, p.38.

_____. Coluna Nelson Motta. *O Globo*, ano LIII, n.16353, 24 jul. 1978b. Cultura, p.34.

NITERÓI Show. *O Globo – Niterói* (suplemento dominical). Rio de Janeiro, n. 53, p. 14, 19 jul. 1983.

O VIOLÃO brasileiro tocado pelo avesso. Canhoto da Paraíba. São Paulo: Discos Marcus Pereira, 1977. 1 LP (35 min).

PAULINHO da Viola e Canhoto no Recife. *Diário de Pernambuco*. Recife, ano 153, n. 140, 26 mai. 1978. Esportes/Educação/Regional, p. E-8. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/117981. Acesso em: 23 jul. 2021.

PINHEIRO, Albino. Paulinho: O homem e a viola. *Revista Manchete*. Rio de Janeiro, ano 17, n. 934, p. 85-87, 14 mar. 1970, nº 934, págs. 85-87. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/004120/103870>. Acesso em: 23 jul. 2021.

PISANDO em brasa. Canhoto da Paraíba. Rio de Janeiro: Caju Music, 1993. 1 CD (35 min).

PROJETO Pixinguinha: Com Paulinho da Viola e Canhoto da Paraíba, o choro da reabertura. *O Globo*. Rio de Janeiro, ano LIII, n. 16238, 31 mar. 1978. Cultura, p.43.

REGO, Luzanira. Canhoto da Paraíba – O violão brasileiro tocado pelo avesso. *Diário de Pernambuco*. Recife, ano 152, n. 273, 9 out. 1977. Caderno Viver, p. B-1. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/107144. Acesso em: 23 jul. 2021.

SABINO, Mário. Canhoto na “Passarela” (Coluna Discolândia). *Diário de Pernambuco*. Recife, ano 193, n.113, 20 ago. 1968. Segundo Caderno, p.5. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/029033_14/62226. Acesso em: 23 jul. 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SILVA, Leonardo Santana da. A Indústria Fonográfica no Brasil e o choro carioca: um levantamento catalográfico referente à produção fonográfica do gênero chorístico existentes nos principais arquivos sonoros da cidade do Rio de Janeiro. Fundação Biblioteca Nacional – MinC, 2012. Disponível em https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/2012/leonardo_santana_da_silva_trab_revisado_0.pdf Acesso em: 23 jul. 2021.

SILVA, Leonardo Dantas. Respeito ao artista (Coluna Esquina). *Diário de Pernambuco*. Recife, ano 156, n. 277, p. A-5, 12 out. 1981. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/34758. Acesso em: 23 jul. 2021.

SILVEIRA, Emília. Canhoto da Paraíba: no Projeto Pixinguinha, um músico do Norte ao Sul. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, n.352, 30 mar. 1978. Caderno B, p. 4. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/030015_09/177635. Acesso em: 23 jul. 2021.

SOBRINHO, Antônio Alves. Desenvolvimento em 78 rotações: A indústria fonográfica Rozenblit (1953-1964). Dissertação (Mestrado em História). Recife: UFPE, 1993.

SOUZA, Tárík de. O chorão Canhoto da Paraíba. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano CIII, n. 93, 10 jul. 1993. Caderno B, p. 7. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/030015_11/93432. Acesso em: 23 jul. 2021.

SPENCER, Fernando. O legendário Canhoto - o violão brasileiro tocado pelo avesso. *Diário de Pernambuco*. Recife, ano 159, n.323, 24 nov. 1983. Caderno Viver, p. B-1. http://memoria.bn.br/docreader/029033_16/69031. Acesso em: 23 jul. 2021.

UM VIOLÃO direito nas mãos do Canhoto. Canhoto da Paraíba. Recife: Rozenblit, 1974. 1 LP (42 min).

ÚNICO amor. Canhoto da Paraíba. Recife: Rozenblit, 1968. 1 LP (32 min).

VERAS, Marcos. É Canhoto, é do violão, é da Paraíba. *Jornal do Brasil*, ano CIII, n., 29 jul. 1993. Caderno B, p. 6. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/030015_11/94720. Acesso em: 23 jul. 2021.

_____. Canhoto da Paraíba tira de letra. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1994, ano CIV, n.2. Caderno B, p. 4. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/030015_11/114202. Acesso em: 23 jul. 2021.